

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA



15

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

SET 2021

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2021**

Volume: **15**

Capa: Figura antropomórfica oculada sobre osso dos
Perdigões (Foto: António Carlos Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07	Sofia Nogueira, Lucy Shaw Evangelista, Tiago do Pereiro	
Ana Catarina Basílio, Nelson Almeida e António Carlos Valera O RECINTO DE FOSSOS DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): TRABALHOS DE 2019 E 2020 (PROJECTO SANVIT)	09	OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA IDADE DO FERRO NA HERDADE DO ÁLAMO – TORRE DE SÃO BRISSOS, BEJA: ABORDAGEM BIOANTROPOLÓGICA	53
Tiago do Pereiro, Nelson Almeida António Carlos Valera O RECINTO DE FOSSOS CALCOLÍTICO DA HERDADE DO ÁLAMO (SÃO BRISSOS, BEJA)	29	Anabela Sá, Ever Calvo CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA ÁREA OCIDENTAL DA LISBOA DURANTE O SÉCULO XIX: O CASO DA RUA DA PRAIA DO BOM SUCESSO Nº7 A 11	61
J.E. Márquez-Romero, J.L. Caro-Herrero, J.A. Molina-Muñoz, J.A. Camino de Miguel, J. Suárez Padilla VARIOUS CONSIDERATIONS ON THE APPROACH TO THE ARCHAEOLOGICAL COMPLEX OF PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, PORTUGAL)	37	Diana Dinis, Inês Mendes da Silva A ANTIGA FÁBRICA DO GÁS DA BOAVISTA – UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	71
Patrícia D. Monteiro, Eliana Correia, Anne Farias, Tiago do Pereiro O SÍTIO NEOLÍTICO DA AMEIJEIRA (LAGOS) NO SEU CONTEXTO REGIONAL: RESULTADOS PRELIMINARES DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE 2020-2021	43		



EDITORIAL

“Olhares Milenares”

Foi o subtítulo escolhido para a exposição sobre os Ídolos peninsulares da Pré-História Recente. Uma exposição, idealizada por Primitiva Bueno Ramírez e Jorge Soler (seus comissários), que percorreu o MARQ, em Alicante, o Museu Regional de Madrid e está actualmente no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa (até Outubro), como que recreando antigas rotas e interacções de larga escala que marcaram o 3º milénio a.C.. Uma exposição notável e que, sendo prejudicada pela pandemia que nos acompanha há ano e meio, conseguiu atravessá-la com inegável sucesso.

Evocada na capa e Editorial desta edição da Apontamentos por figurinhas oculadas antropomórficas e estilizadas dos Perdigões, esta exposição reuniu pela primeira vez um conjunto assinalável de peças de várias regiões de Espanha e Portugal. Objectos que falam ao grande público sobre antigas cosmologias do Neolítico, sobre as suas visões do mundo partilhadas, ao mesmo tempo que mostra a sensibilidade estética e a qualidade técnica destas comunidades.

Os Perdigões estiveram nela muito bem representados, com 16 peças (figuras antropomórficas, ídolos almerienses, betilo oculado, báculo, recipiente com decoração simbólica), sendo um dos expoentes da “participação portuguesa”.

Um momento marcante da investigação e da divulgação da Pré-História Recente peninsular.

António Carlos Valera

O RECINTO DE FOSSOS DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): TRABALHOS DE 2019 E 2020 (PROJECTO SANVIT).

Ana Catarina Basílio ¹
Nelson Almeida ²
António Carlos Valera ³

Resumo:

Apresentam-se os resultados dos trabalhos realizados durante 2019 e 2020 no âmbito do projecto SANVIT sobre o recinto de fossos calcolítico de Santa Vitória (Campo Maior). São descritas as intervenções realizadas nos Fossos 1 e 2, salientando as diversas circunstâncias evidenciadas pelos seus enchimentos e processos de colmatção. É feita uma caracterização geral dos materiais que têm vindo a ser recolhidos e das faunas registadas na campanha de 2020 e avançam-se os primeiros resultados da abordagem isotópica à problemática da mobilidade de animais. Por último, a partir das evidências empíricas que têm vindo a ser obtidas no projecto, são discutidos alguns tópicos relevantes para a interpretação da natureza do sítio e do seu desempenho social.

Abstract:

The ditched enclosure of Santa Vitória (Campo Maior): work of 2019 and 2020 (project SANVIT).

The results of the work carried out during 2019 and 2020 within the scope of the SANVIT project on the Copper Age ditch enclosure of Santa Vitória (Campo Maior) are presented. The interventions carried out in Ditches 1 and 2 are described, highlighting the different circumstances and processes of their infillings. A general characterization of the materials that have been collected and of the faunas registered in the 2020 campaign is done and the first results of the isotopic approach to the mobility of animals are advanced. Finally, based on the empirical evidence that has been obtained in the project, some relevant topics are discussed for the interpretation of the nature of the site and for its social role.

1. Introdução.

Com o presente texto dá-se seguimento à publicação preliminar de dados obtidos no âmbito do projecto SANVIT, projecto desenvolvido pelo NIA-ERA Arqueologia e que retomou a investigação programada neste que foi o primeiro recinto de fossos identificado e intervencionado em Portugal, na década de 80 do século XX. Os objectivos do presente projecto já foram explicitados na primeira publicação realizada no seu âmbito (Valera *et al.* 2019a). Sucintamente, visam investigar as arquitecturas, as temporalidades e as práticas sociais que decorreram em Santa Vitória, assumindo um quadro comparativo com as dinâmicas que têm sido observadas nos Perdigões, procurando perceber como biografias diferentes se enquadram numa mesma trajetória histórica.

No âmbito deste novo projecto, e para além deste primeiro artigo onde se dava conta dos resultados da prospeção geofísica, das primeiras datações de radiocarbono e das primeiras sondagens realizadas em 2018, foram já publicados outros textos que abordam outros aspectos específicos desta investigação. Caso do estudo dos restos faunísticos recolhidos nas campanhas de 2018 e 2019 (Almeida *et al.* 2020), ou do ensaio sobre a fundamentação cosmológica de aspectos do desenho dos recintos (Valera, 2020).

Com o presente texto damos continuidade à divulgação preliminar dos resultados obtidos no âmbito deste projecto, concretamente relacionados com os trabalhos de campo que decorreram nas campanhas de 2019 e 2020 e com uma actualização do estudo da componente artefactual.

2. Os trabalhos de campo

Durante 2019 e 2020 as intervenções de campo incidiram em troços dos fossos 1 e 2. No Fosso 1 foi concluída a secção iniciada em 2018 (Figura 1: F1S1) e foi realizada a escavação

¹ ICArEHB-U.Algarve, FCT (catarinasbasilio@gmail.com); ² UNIARQ-U.Lisboa (nelsonjalmeida@gmail.com); ³ Era Arqueologia / ICArEHB-U.Algarve (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

de uma secção a norte da entrada (Figura 1: F1S2). No Fosso 2, para além do acerto de cortes de uma secção realizada nas intervenções do século passado, foi realizada uma secção a Oeste da entrada (Figura 1: F2S1) e três do lado Este (Figura 1: F2S2, F2S3, F2S4), as duas últimas ainda não concluídas.

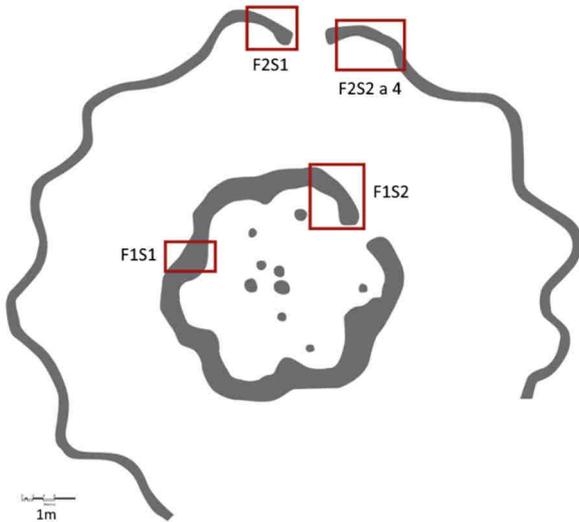


Figura 1 – Localização das áreas escavadas nos recintos de Santa Vitória no âmbito do projecto SANVIT.

2.1. Fosso 1 (Trabalhos de 2019)

Um dos objectivos da intervenção levada a cabo em 2019 passava por concluir a escavação da Sondagem 1 do Fosso 1 no seu lado Oeste, iniciada em 2018. Nesta área a estrutura apresentava-se melhor conservada e menos intervencionada pelas equipas que trabalharam previamente em Santa Vitória, tendo sido por isso possível caracterizar a totalidade das dinâmicas de enchimento neste troço da estrutura.

Da base para o topo, a sequência de enchimento iniciava-se com depósito esbranquiçado e com nódulos de calíço, [121], resultado da desagregação das paredes e fundo do Fosso 1. Era coberto por depósito [120] que integrava um alinhamento de pedras de pequena e média dimensão, concentradas junto à parede Oeste da estrutura. Sobre ele assentava o depósito [119], que incluía blocos pétreos de média e grande dimensão, que, ainda que apresentem uma concentração novamente associada à parede Oeste (parede externa), aparecem mais distribuídos pela sondagem, ocupando uma área mais ampla no fosso. Para além destes elementos, foi individualizado um momento de derrube de calíços da parede do fosso – [118] -, que assenta directamente na [119]. Sobre estas realidades acumulam-se sucessivamente os depósitos [117] e [116]. Ao centro da [116] registou-se uma pequena depressão, preenchida por um depósito muito solto [115], o qual incluía na sua composição fragmentos cerâmicos de média/grande dimensão, correspondendo aos exemplares melhor conservados da presente sondagem. Registou-se depois um novo episódio de erosão da parede do fosso, originando o depósito [114]. A restante estratigrafia da parte superior do fosso já havia sido escavada em 2018 e publicada em 2019 (Valera *et al.* 2019a).

A conclusão desta sondagem, ainda que numa extensão restrita do fosso, permitiu identificar algumas das suas dinâmicas de enchimento. Por um lado, salientar a presença de dois momentos de erosão da parede do fosso, que sugerem processos de colmatação faseados. Por outro lado, confirmar a presença de um recutting - [109] - que, no caso do troço escavado, separa dois momentos distintos na colmatação do fosso. Esta distinção é principalmente observável na densidade de materiais arqueológicos, elementos faunísticos e elementos pétreos que, nos momentos anteriores ao recutting, se revelam residuais quando comparados com o enchimento do topo da estrutura. Aí, registou-se a presença de deposições de cerâmica, fauna e pedras de média e grande dimensão, utilizadas nos processos de encerramento/colmatação final da estrutura negativa.

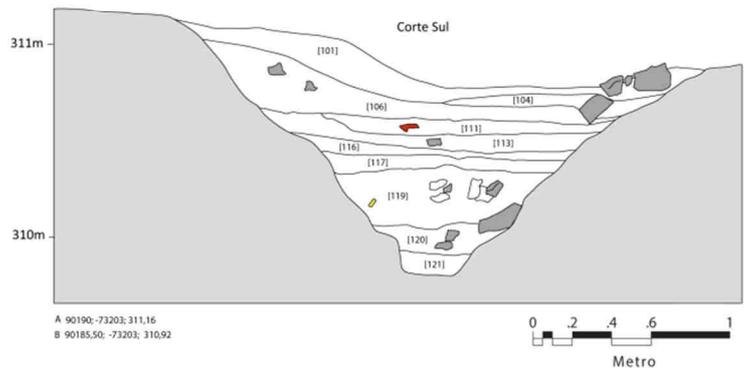
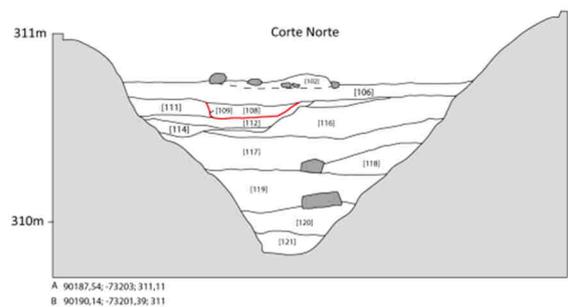


Figura 2 – Cortes da Sondagem 1 realizada no Fosso 1 (Projecto SANVIT).

A Sondagem 2 do Fosso 1 foi implantada a Norte da entrada (Porta 1), abrangendo metade do primeiro lóbulos desse lado, numa extensão de cerca de 7m. Nesta área, o fosso apresenta uma largura média de 1/1,2m e uma profundidade de 1,2m. O seu enchimento encontrava-se já parcialmente escavado nos primeiros 50cm no âmbito das intervenções realizadas no século passado. Desta forma, os trabalhos agora relatados referem-se apenas à metade inferior dos enchimentos do fosso nesta sondagem e que terão a sua correspondência dos enchimentos abaixo do recutting identificado na Sondagem 1.

A escavação começou pela remoção do depósito [130], composto por sedimentos cinzento claro, arenosos e soltos, com abundantes raízes, resultado da desagregação das paredes do fosso e da acumulação de sedimentos ocorrida ao

longo do tempo desde a escavação parcial anterior (já que a área não se encontrava recoberta e protegida). Sob estes sedimentos identificou-se a [131], um depósito com pedras e cerâmica a aflorarem e que corresponderá à superfície em que a escavação anterior parou. Sensivelmente a meio do troço intervencionado, este depósito integrava um pequeno aglomerado de pedras de tendência semi-circular [135], com alguma argila e restos de fauna.

Abaixo deste depósito verificou-se que o fosso era preenchido por secções com enchimentos diferentes. Foram identificadas três secções distintas: uma imediatamente a seguir à interrupção da entrada, uma intermédia e uma no extremo Norte da sondagem, correspondendo à parte média do lóbulo.

A secção junto à entrada, correspondente ao seu lado Norte, era preenchida por um aglomerado de pedras numa matriz argilosa compacta [133], onde se recolheram alguns fragmentos cerâmicos, uma falange de cavalo, uma presa de javali e um fragmento de ídolo de cornos. Este depósito contactava com um depósito [132], que preenchia a parte intermédia do fosso e se apresentava compacto, com nódulos de calicho e alguma argila, sem pedras e com raros materiais (apenas alguns poucos fragmentos cerâmicos). Por sua vez, este depósito encostava a um outro [134], que preenchia o terço Norte da sondagem, composto por um sedimento cinzento claro, contendo pedras de médias dimensões, alguma fauna e fragmentos grandes de cerâmica.

Removidos estes depósitos verificou-se que o preenchimento compartimentado do fosso de forma tripartida continuava em profundidade. Assim, sob a [134] foi definido o depósito [138], castanho claro, muito compacto, mantendo a presença de pedras de médias dimensões, fauna (menos elementos) e fragmentos cerâmicos. Assentava na base do fosso. A parte intermédia da sondagem era agora preenchida pelo depósito [137] (sob a [132]), caracterizado por uma tonalidade castanha mais escura, com algum cascalho pequeno, continuando a revelar escassos elementos faunísticos e assentando na base do fosso. Perto da zona contacto com o depósito [139], que preenchia a secção mais a sul da área escavada, foi recolhido um ídolo de cornos inteiro. Finalmente, no terço junto à entrada, registou-se o enchimento [139], caracterizado por sedimentos cinzento claro e arenosos envolvendo o topo de um novo aglomerado pétreo [140]. Tal como o depósito que o cobria, forneceu alguma cerâmica, uma concha perfurada (possível pendente), um seixo de rio em forma de bucrânio e dois fragmentos de ídolos de cornos que remontam entre si e com o fragmento recolhido no depósito [133]. Este depósito [139] envolvia o topo da [140], que corresponde ao início das deposições neste troço ao lado da entrada. Uma vez mais apresentava uma aglomeração de pedras num sedimento castanho claro e compacto, tendo fornecido alguma cerâmica e três falanges de cavalo. Assentava na base do fosso.

Verificou-se, assim, que o enchimento do fosso não foi contínuo, mas sim seccionado, e que essas secções apresentam enchimentos com características diferentes, com destaque para o troço junto à porta, onde se registaram níveis de acumulação de pedras juntamente com deposições de

materiais específicos, como são os fragmentos de um mesmo ídolo de cornos em momentos distintos, quatro falanges de cavalo, uma presa de javali, um seixo em forma de bucrânio e, no contacto com a [137], um ídolo de cornos inteiro.

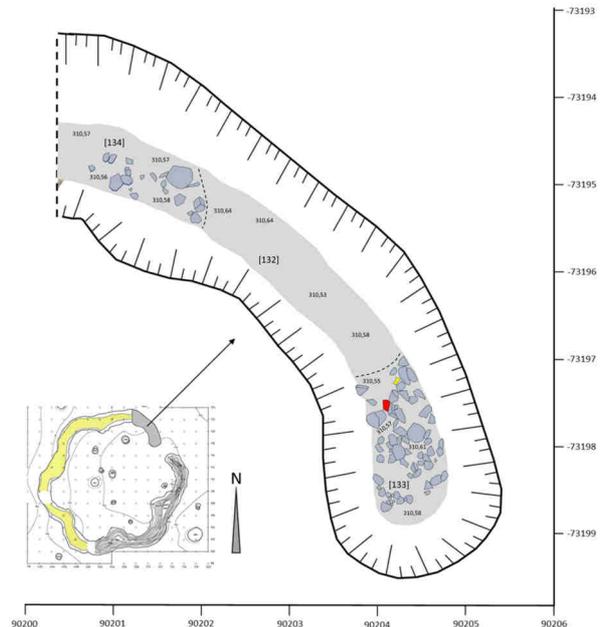


Figura 3 – Fosso 1, Sondagem 2. Plano com diferenciação horizontal dos enchimentos.

2.2. Fosso 2 (Trabalhos de 2019 e 2020)

No início do projecto SANVIT, o Fosso 2 tinha um pequeno troço exposto a Norte, onde se encontra uma entrada (Porta 2). A cerca de três metros do seu limite Oeste, existia já uma pequena secção escavada durante os trabalhos realizados no século passado e que atingira parcialmente a base desta estrutura negativa. Em 2018 foi realizado o acerto de cortes e a conclusão da escavação dessa sondagem e o início da abertura de uma outra junto ao limite da porta (Valera *et al.* 2019a). Esta sondagem seria concluída em 2019, enquanto que do lado Este se decapava o topo do primeiro lóbulo do lado Este e se realizavam três sondagens espaçadas, uma feita em 2019 e as outras duas em 2020 (estas ainda não concluídas).

2.2.1. O lado Oeste da entrada do Fosso 2

Na sondagem realizada junto ao limite da entrada procedeu-se à conclusão da remoção do preenchimento pétreo [201] iniciada em 2018, o qual preenchia um *recutting* [213] no preenchimento anterior (depósito [215]). Este depósito cobria outros dois, do lado norte o [203] e, ao centro, o [216], encostando a sul ao [205], um depósito castanho mesclado com calços e que se desenvolve na diagonal ao longo da parede do fosso. O enchimento [216] corresponde a um sedimento argiloso e que serve de matriz a um aglomerado pétreo de pedras de pequenas e médias dimensões e nódulos de argila. Forneceu cerâmica e fauna. Preenche o que parece

ter sido um primeiro momento de *recutting* [218] realizado no depósito [217], o qual corresponde ao primeiro preenchimento do fosso nesta extremidade e é composto por um sedimento castanho, igualmente com nódulos de argila. Forneceu alguma fauna e parte de um recipiente cerâmico.

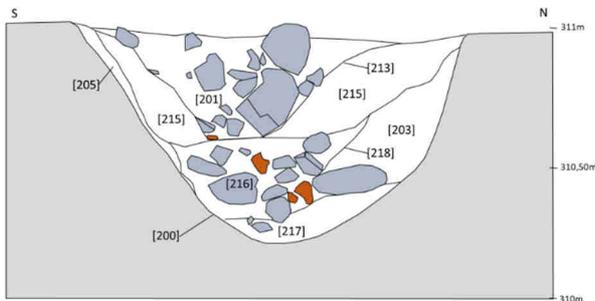


Figura 4 – Fosso 2, Secção Oeste, Sondagem 1.

2.2.2. O lado Este da entrada do Fosso 2: intervenções ao longo do primeiro lóbulo.

No lado Este da entrada do Fosso 2 foi realizada uma decapagem superficial numa extensão de cerca de 12m, a qual abrange a totalidade do primeiro lóbulo e o início do segundo. Foi removido o depósito superficial [220], granuloso e solto, que forneceu alguns fragmentos cerâmicos.

Uma vez removido este depósito ficou visível uma aglomeração de pedras alongada que preenchia o centro do fosso e que apresentava uma interrupção precisamente onde termina o primeiro lóbulo e se inicia o segundo (Figura 5). Junto à entrada foi identificada no topo desse aglomerado uma depressão semelhante a um alvéolo, seguida por outras possíveis duas a distâncias regulares (Figura 6). Já na zona em que o aglomerado pétreo se encontrava interrompido, abrangida pela terceira secção feita neste lado do Fosso 2, registou-se uma depressão circular [244] com pequenas pedras na base, preenchida por um depósito argiloso [239] (Figura 7). Esta depressão poderá igualmente corresponder a um alvéolo de uma eventual pedra verticalizada que marcaria a transição entre lóbulos e respectivos enchimentos.

De facto, a sequência estratigráfica já escavada nesta secção revelou que esta diferenciação na colmatação se prolonga em profundidade (Figura 9), demonstrando que a transição entre lóbulos corresponde igualmente a uma alteração nos enchimentos. Esta diferenças observam-se inclusivamente no próprio aglomerado pétreo central, onde se regista a utilização de pedras com características diferentes (mais roladas e com mais blocos de diorito alterado) envolvidas no sedimento mais castanho e escuro do lado Sul deste possível alvéolo, no início do segundo lóbulo, e pedras mais angulosos e menos diversificadas em termos de matéria-prima (menos dioritos) ao longo do lóbulo inicial (Figura 5). Parece, assim, ter existido nesta área um preenchimento segmentado por lóbulos, o qual, no final, poderá ter sido sinalizado com pedras verticalizadas em pequenos alvéolos (Figura 8).

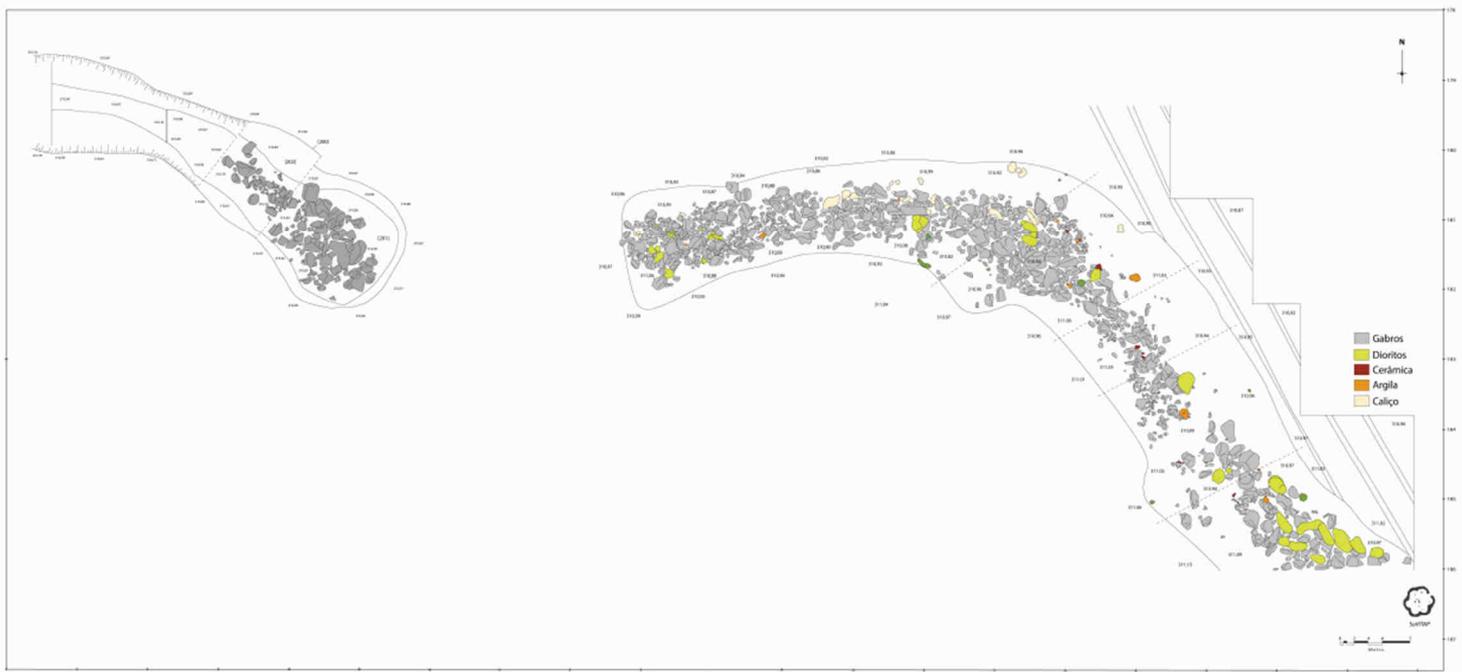


Figura 5 – Fosso 2. Plano da decapagem superficial. Do lado Este é visível a interrupção do aglomerado pétreo alongado ao centro do fosso. Essa interrupção corresponde a uma espécie de alvéolo circular, que se localiza no final do primeiro lóbulo, na transição para o segundo, separando o enchimento pétreo (que preenche *recuttings*) em duas secções. Note-se que a composição pétreo também é diferente entre estas duas secções, com uma maior utilização de dioritos (sempre muito alterados) na secção correspondente ao segundo lóbulo (a amarelo).



Figura 6 – Possíveis alvéolos de pedras verticalizadas identificáveis no topo do aglomerado pétreo que preenche um *recutting* no primeiro lóbulo do Fosso 2, junto à entrada do lado Este.



Figura 7 – Alvéolo na zona de separação entre lóbulos no topo do fosso. De planta circular, com a base revestida por pequenas pedras e preenchido por um depósito muito argiloso e sem pedras.

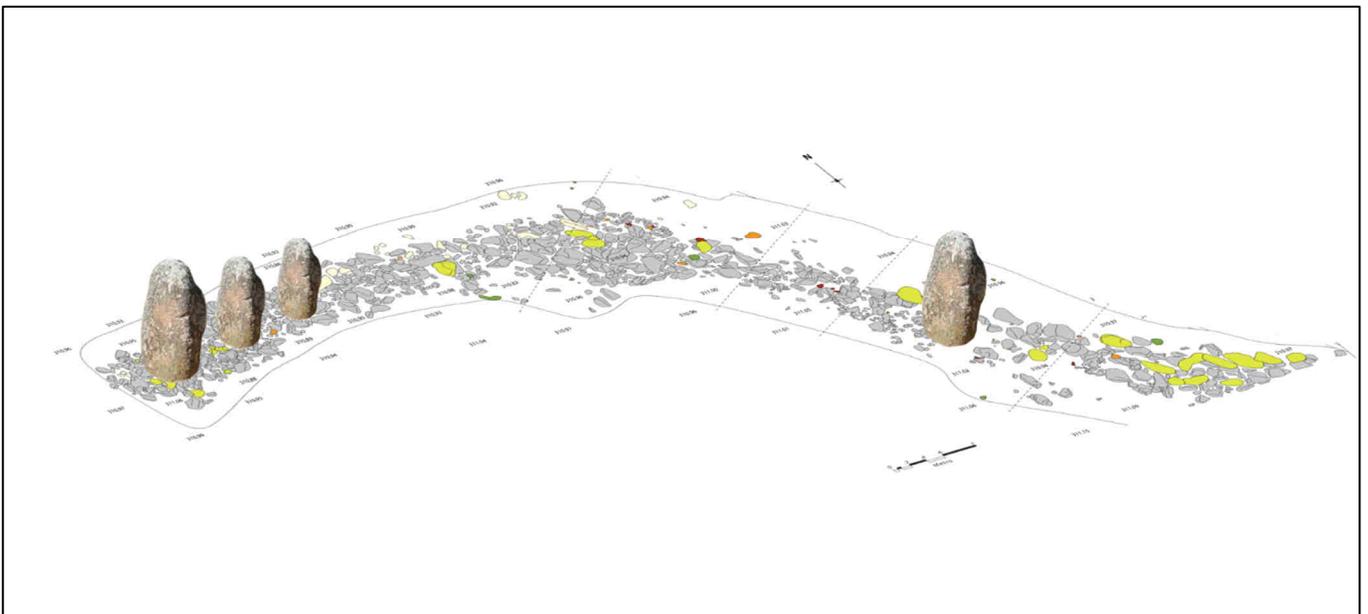


Figura 8 – Hipótese interpretativa para a presença de depressões em forma de alvéolo identificadas no topo do aglomerado pétreo ao longo do centro do Fosso 2 e para o alvéolo presente na sua interrupção. Trata-se da possibilidade de o preenchimento dos últimos *recuttings* ter servido de base para erecção de marcadores verticais, alguns dos quais situados junto à entrada e em zonas de transição entre secções lobulares do fosso, que apresentam processos de enchimento distintos.

O aprofundamento das três secções nesta área do Fosso 2 revelou que estes aglomerados pétreos centrais preenchem *recuttings* em sedimentos prévios, e que ao longo dos enchimentos realizados existiram sucessivos momentos de *recutting*, sempre preenchidos por aglomerados pétreos, intercalados por momentos de sedimentação e deposição de material arqueológico (Figura 9).



Figura 9 – Cortes da Sondagem 4, onde foi detectada a diferenciação de enchimentos entre o primeiro e segundo lóbulos do Fosso 2. Note-se a presença de vários *recuttings* e sucessivos preenchimentos pétreos, com clara diferença de enchimentos entre secções separadas por apenas dois metros.



Figura 10 – Aspecto da interrupção do preenchimento pétreo no topo do Fosso 2, com o alvéolo localizado no final do primeiro lóbulo.

Relativamente à sua caracterização mais detalhada, uma vez que as secções 3 e 4 deste lado Este do Fosso 2 ainda não foram concluídas, procederemos apenas à descrição da sequência observada na primeira secção (Sondagem F2S2), a qual foi realizada a cerca de um metro do limite da entrada.

Removido o aglomerado pétreo verificou-se que o *recutting* por ele preenchido cortava dois depósitos. O primeiro [223=224] correspondia a um depósito cinzento claro, arenoso e granular, que não forneceu materiais arqueológicos. Este depósito assentava num outro [225=227], composto por sedimento argiloso, castanho acinzentado, com grãos de calço e escassa cerâmica. Do lado norte, [225], integrava uma mancha de sedimentos cinzentos, com muito calço e compacta [226]. Estes depósitos foram apenas identificados lateralmente ao longo do fosso, pois foram cortados pelo *recutting*, em cuja base surgia já um novo aglomerado pétreo [228]. Este aglomerado era coberto lateralmente pelo depósito [225=227] e preenchia a totalidade da sondagem, assentando em dois depósitos distintos, um a Oeste e outro a Este.

Esta diferença fica a dever-se ao facto de a base do fosso se apresentar seccionada em dois troços mais profundos separados por uma zona menos profunda que se localizava precisamente a meio da área sondada (Figura 11). Assim, a secção mais profunda a Oeste [232] era preenchida pelo depósito [230] cinzento, fino e arenoso e compacto, enquanto a secção mais profunda a Este [231] era preenchida pelo depósito [229], de cor castanho claro, arenoso e compacto, no qual foram recolhidos escassos fragmentos cerâmicos. Documentou-se, assim, que a base do fosso teve uma escavação seccionada, pelo menos dentro do primeiro lóbulo.

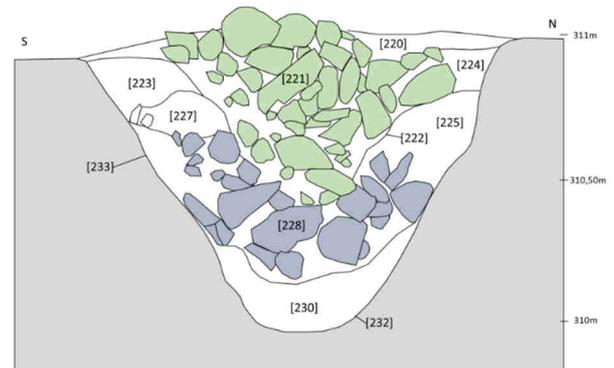


Figura 11 – Secção da sondagem F2S2 e aspecto da escavação seccionada da base do Fosso 2 no primeiro lóbulo.

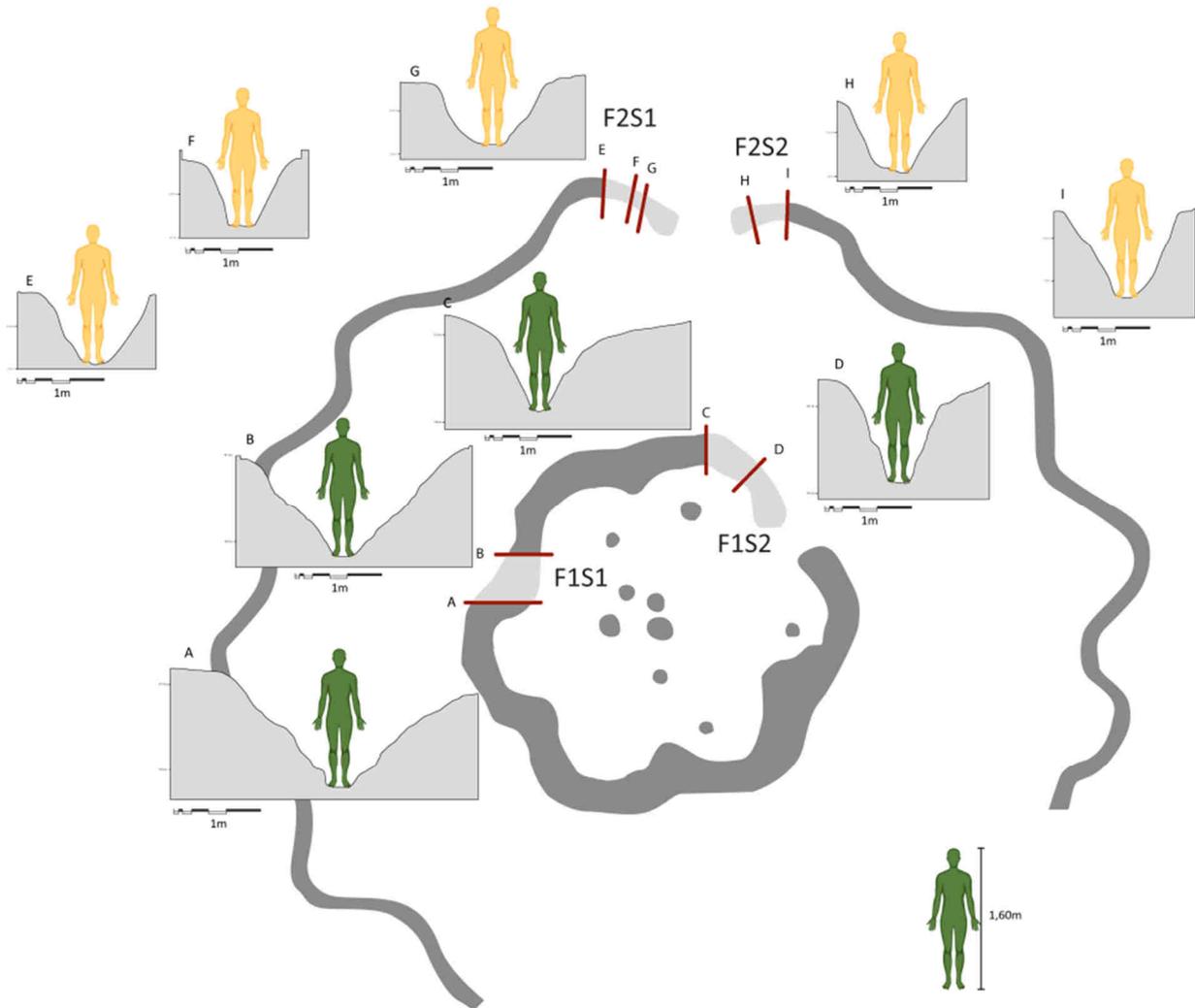


Figura 13 – Secções dos Fossos 1 e 2 nas áreas intervenionadas no âmbito do projecto SANVIT (com excepção das sondagens 3 e 4 do Fosso 2, ainda não concluídas).

3. Materiais Arqueológicos (campanhas de 2018 a 2020)

Os trabalhos de campo desenvolvidos em 2018 no Recinto de Santa Vitória permitiram começar a desenhar as linhas e tendências gerais da componente artefactual deste sítio arqueológico, destacando-se, inequivocamente, a cerâmica lisa (Valera *et al.* 2019a). Ainda assim, e considerando a baixa presença de elementos classificáveis recuperados nestes primeiros trabalhos, as conclusões avançadas tinham um carácter provisório e meramente indicativo. Somente após as campanhas de 2019 e 2020, com o aumento expressivo do conjunto material, se tornou possível começar a caracterizar de forma mais sólida as componentes artefactuals deste recinto.

Nas duas sondagens do Fosso 1, e contando apenas com os materiais de 2019/2020, foram recuperados 303 elementos, número que se vê quase quadruplicado nas quatro áreas

intervenionadas no Fosso 2, nas quais os registos ascendem a 1024. Se destes valores absolutos retirarmos o número de bojos e de nódulos de argila, os elementos classificados de 2019/2020 somam 74 e 157 peças no Fosso 1 e no Fosso 2, respectivamente. Quando adicionadas as peças classificáveis de 2018, criando uma imagem completa dos elementos materiais recuperados no decurso do projecto SANVIT, as materialidades totais atingem 178 registos individuais no fosso interno (Fosso 1) e 160 no caso do fosso externo (Fosso 2).

3.1. Conjunto material de Santa Vitória: uma visão geral

Numa análise geral aos 1865 materiais de Santa Vitória, as principais sugestões identificadas em 2018 mantêm-se, com os elementos cerâmicos a perpetuarem e alargarem a sua predominância em ambas as estruturas trabalhadas. Falando apenas dos artefactos classificáveis, a cerâmica representa

87,57% do total do conjunto, sendo seguida pelos artefactos de pedra talhada (6,21%) e peças enquadradas na categoria de “outros materiais” (4,44%). Nesta última foram incluídos, por exemplo, um fragmento de placa de xisto decorada ou uma conta cerâmica, ambos recuperados em 2020.

A nível morfológico, no conjunto cerâmico predominam as formas abertas e simples, com um particular destaque para os pratos (24,66%), as taças (10,47%) e para as tigelas (15,54%). Nos próprios pratos há algumas variações tipológicas no que concerne a tipologia do bordo, prevalecendo os exemplares de bordo simples sem espessamento (36,99%), seguindo-se os bordos bi-espessados (23,29%), os espessados internamente (21,92%) e, por fim, os com espessamento externo (15,07%). Ainda assim, e ainda que os exemplares tenham sido enquadrados nas categorias tipológicas tradicionais seguidas na análise dos pratos a nível regional, os elementos identificados em Santa Vitória contavam com bordos particularmente aplanados, sendo os espessamentos identificados tendencialmente suaves, possivelmente resultantes do processo de aplanamento da superfície do bordo.

As restantes categorias artefactuais são residuais, não sendo identificáveis padrões ou tendências significativas. Todavia, a nível dos elementos líticos salienta-se o seu carácter essencialmente regional, considerando o exclusivo recurso a Quartzo e Quartzito. A isto soma-se uma utilização aparentemente expedita destes elementos, também comum no Calcolítico do Sul de Portugal (Mataloto *et al.* 2007; Soares, 2013; Basílio, *in press*), notando-se uma monotonia formal no conjunto. Materiais como as lascas e os seixos são predominantes, em detrimento de produtos transformados, como pontas de seta, lâminas ou mesmo lamelas, ausentes entre os materiais recolhidos no projecto SANVIT.

Na categoria de “Outros artefactos” foram incluídos três ídolos de cornos (um dos quais composto por três fragmentos depositados separadamente), quatro falanges de cavalo não trabalhadas, uma concha perfurada, um seixo de rio em forma de bucrânio, uma placa de xisto decorada e ainda uma conta cerâmica. Este tipo de artefactos surgiu apenas nas campanhas de 2019 e 2020, estando completamente ausente da secção do Fosso 1, intervencionada em 2018.

Outra categoria artefactual bastante rara em Santa Vitória é a relativa aos elementos de tear, correspondendo a um único exemplar registado em 2018 e a três peças em 2020. Curiosamente, o exemplar de 2018 parece corresponder a um crescente, que se encontrava bastante carbonizado e num péssimo estado de conservação, tendo sido apenas possível analisá-lo sumariamente *in situ*. Os restantes três exemplares correspondem a placas rectangulares, uma das quais com apenas uma perfuração central.

No que toca aos materiais não classificáveis, o elevado número de bojos (1382 registos, com aproximadamente 21 kg) mimetiza, a uma escala bastante diferente, o que ocorre no Complexo dos Perdigoes, com um destaque esmagador desta categoria artefactual em relação a todas as restantes (Valera, 2018; Basílio, *in press*). Uma pequena nota vai

igualmente para as argilas identificadas em Santa Vitória. Estas surgem em forma de nódulos, maioritariamente informes e muito degradados, tendo sido registados 145 exemplares (cerca de 7 kg).

3.2. Artefactos e estruturas

Ainda que, de forma geral, ambos os fossos de Santa Vitória sigam as tendências gerais apresentadas, cada estrutura (Fosso 1 e Fosso 2) e sondagem conta com dinâmicas internas distintas, que podem reflectir diferentes práticas deposicionais ou, eventualmente, cronológicas.

No caso do **Fosso 1** foram recuperados 782 artefactos, que se distribuem de forma desigual pelas duas secções intervencionadas: 572 provenientes da sondagem 1 (S1) e apenas 210 da segunda sondagem (S2), sendo de notar que a sondagem 2 teve uma área de intervenção bastante maior, mas uma potência escavada menor. Estas diferenças estendem-se igualmente ao tipo de artefactos presentes, sendo perceptível uma maior variedade na S1, onde predominam os materiais cerâmicos (82% do conjunto) e a argila (17%). Já na S2, a par dos elementos cerâmicos, que se mantêm maioritários (94%), surge apenas como segunda categoria artefactual os “Outros Materiais” (6%), que aqui correspondem exclusivamente a elementos relacionados com o sagrado (ídolos de Cornos, falanges de cavalo e “bucrânio”). Assim, e com uma observação rápida do conjunto do Fosso 1, à qual se associam as informações contextuais disponíveis, é possível sustentar a existência de práticas deposicionais distintas dentro da mesma estrutura arqueológica, o que a análise estratigráfica já igualmente demonstrava.

De facto, quando se particulariza a análise em cada uma das sondagens, é igualmente possível compreender que estas práticas têm eco também dentro das próprias secções escavadas.

Na **S1**, foram registadas duas fases principais de enchimento, que se sustentam com a presença do *recutting* [109], mas principalmente pelas variações qualitativas e quantitativas nos artefactos arqueológicos. Nos depósitos que preenchem os dois terços inferiores da S1 do Fosso 1, os artefactos são escassos (10% do conjunto total da S1) e pouco variados (apenas cerâmicas e elementos líticos). Já o terço superior concentra 90% dos materiais desta secção, integrando inclusivamente deposições estruturadas de materiais cerâmicos, ausentes dos depósitos inferiores.

Esta distinção tem também eco nos tratamentos das pastas utilizadas no fabrico dos recipientes cerâmicos presentes na S1 do Fosso 1 e nas formas que alguns destes apresentam. Por um lado, nos depósitos pré-*recutting* foram recuperadas peças com pastas mais depuradas, mais compactas e com tratamentos de superfície mais cuidados, em morfologias tradicionais do Calcolítico regional (pratos, taças e tigelas). Por outro lado, os fragmentos cerâmicos dos contextos pós-*recutting* são friáveis, com abundantes elementos não plásticos e em pior estado de conservação. Para além desta realidade, nestes momentos mais superficiais do enchimento desta secção do Fosso 1 foram recuperadas formas de

aparente “inspiração” tardia, com a presença de peças estranguladas e com ombros, que lembram as tipologias que surgirão na Idade do Bronze. Esta distinção tecnológica e cronológica (segundo as datas disponíveis para a S1 do Fosso 1 de Santa Vitória – Valera *et al.* 2019a) vai ao encontro do que foi detectado nos contextos tardios, e contemporâneos, dos Perdígões (Basílio, *in press*). Nos contextos do 4º quartel do 3º milénio a.C. denota-se um ligeiro desinvestimento na produção de elementos cerâmicos (Basílio, *in press*), situação que parece igualmente ocorrer em Santa Vitória.

Por sua vez, na **S2** do Fosso 1, as distintas segmentações detectadas na escavação têm igualmente eco nas espacialidades dos materiais. No troço mais a norte, sucessivos momentos de deposições e concentrações de elementos cerâmicos, pedras e faunas, perlongavam-se repetidamente até muito próximo da base da estrutura. O segmento intermédio apresenta-se quase exclusivamente composto por sedimento estéril, com a única excepção a corresponder à deposição de um ídolo de cornos completo. Já na secção mais a Sul, junto ao acesso do recinto interno, deposições sucessivas de um total de quatro fragmentos de ídolos de cornos, contextualmente relacionados com quatro falanges de equídeos não trabalhadas, foram identificadas. Estes materiais representam quatro associações, ou pares, entre falanges e fragmentos de ídolos de cornos relacionados, uma vez que três deles colavam entre si, formando metade de um ídolo de cornos (com cornos). Para além destes elementos, foi ainda identificada uma concha possivelmente perfurada que, ainda que careça de estudos complementares que confirmem a sua natureza antrópica da perfuração, poderá representar o primeiro elemento de adorno identificado pelos trabalhos do projecto SANVIT, ao qual se junta uma conta cerâmica da secção 2 do Fosso 2. Também a presença de um seixo de rio em forma de bucrânio permite levantar algumas questões sobre a eventual recolha, transporte e deposição em associação contextual aos fragmentos do ídolo de cornos. Esta peça é o único elemento lítico recuperado na S2 do Fosso 1, podendo argumentar-se que a sua presença neste contexto deposicional se poderá encontrar relacionada com a sua forma atípica.

A presença destas diferenciações nas deposições dos materiais vem reforçar a existência de processos de segmentação nos fossos de Santa Vitória, já detectados no âmbito dos trabalhos de campo. Permitem também sugerir uma padronização que, neste troço da estrutura, adquire um carácter faseado, mas mesmo assim intimamente interligado. Esta relação materializa-se pela colagem dos diversos fragmentos de um mesmo ídolo de cornos, mas também pela repetição da associação, quase normativa e encenada, entre falanges de equídeos e fragmentos de ídolos de cornos. Assim, esta deposição é, de momento, um contexto único e ímpar em Santa Vitória, permitindo conectar, uma vez mais, este recinto com processos semelhantes nos Perdígões.

O **Fosso 2** é mais complexo, não só pelo maior número de materiais disponíveis, mas também porque a escavação, que tem incidido mais sobre o lóbulos a Este da entrada, reconheceu a existência de pelo menos dois *recuttings*

distintos na estrutura. Ainda assim, é possível salientar uma distinção entre as secções Este e Oeste a nível material, particularmente entre a S2 do lado Este (S2F2) e a S1 do lado Oeste (S1F2), ambas implantadas nos troços finais do Fosso 2, junto à entrada.

No caso da **S1F2**, os 221 materiais (um número já significativo no panorama de materiais de Santa Vitória) correspondem exclusivamente a cerâmica lisa, com a excepção de dez fragmentos de argila e dois elementos de pedra talhada (um seixo e um núcleo de quartzo). A nível formal, os 19 elementos cerâmicos classificáveis correspondem a pratos, taças e tigelas, destacando-se a presença de um recipiente com colo. Tecnologicamente os recipientes cerâmicos desta sondagem são bastante friáveis, com composições arenosas e granulares, fortalecendo a datação tardia (2139-1957 cal BC) disponível para este troço do Fosso 2. A análise da distribuição artefactual, segundo os diversos momentos desta sondagem, permitiu apenas compreender que a fase de maior intensidade deposicional se encontra entre os dois *recuttings* identificados (50 bojos e 13 fragmentos classificáveis), com um conjunto também relevante de materiais a surgir nos depósitos de topo (44 bojos e seis classificáveis). Já a base deste troço da estrutura é bastante pobre artefactualmente, com cinco registos: quatro fragmentos de bojo e a deposição isolada de uma metade de uma taça.

A **S2F2** tem um número de materiais significativamente mais reduzido, com apenas 107 elementos cerâmicos identificados, dos quais oito classificáveis (dois pratos, quatro tigelas e dois indeterminados). Esta escassez de materiais deve-se à ao tipo de enchimento deste troço do Fosso 2. Ainda assim é possível compreender que há uma maior concentração nos depósitos que preencheriam a secção mais a Este da área sondada. Aqui foram identificados 27 bojos, aos quais se adicionavam cinco bordos, tendencialmente de menor qualidade tecnológica. Esta constatação, ainda que apenas baseada em cinco exemplares cerâmicos e numa tendência tecnológica ainda em caracterização, permite sugerir que o Fosso 2 pode ter sido realizado numa fase já mais tardia dentro do 3º milénio a.C., o que pode explicar a presença de peças de menor qualidade nos depósitos de base desta arquitectura. Todavia, será apenas possível explorar e testar esta hipótese com os trabalhos de 2021, que se focarão nas bases das sondagens 3 (S3F2) e 4 (S4F2) deste fosso.

Nestas sondagens ainda não concluídas, foi efectuado em 2020 o registo de 670 materiais arqueológicos. Destes, 454 são provenientes da S3F2 e os restantes 217 da S4F2, sendo esta dissonância relacionável com seu distinto posicionamento e pelas diferentes dinâmicas estratigráficas detectadas em ambas as sondagens.

No que concerne os materiais mais informativos, foram individualizados, até ao momento, 80 artefactos classificáveis na **S3F2**, destacando-se, uma vez mais, a cerâmica. Esta categoria artefactual corresponde a 84% do conjunto de elementos classificáveis, atingindo 91% do total de materiais deste troço, se adicionarmos os 374 bojos identificados. A nível formal correspondem a pratos (20 registos), principalmente de bordo simples e bordo espessado interna e

externamente, seguindo-se os recipientes esféricos (com 8 exemplares). Tecnologicamente, e contrariamente ao que ocorre nos contextos dos Fossos 1 e 2 já apresentados, a maior parte dos fragmentos cerâmicos dos enchimentos superiores deste troço do fosso correspondem a elementos de consistência compacta ou média (84% de um total de 57 elementos). Desta forma é possível questionar se as possíveis deposições mais tardias de Santa Vitória, detectadas noutros troços, podem não ter atingido esta secção da estrutura.

Ainda assim, e mesmo que este comportamento desviante afaste este troço das tendências observadas noutros pontos, a ligação é reestabelecida quando a análise tem em consideração o faseamento definido para esta secção, destacando-se dois momentos principais de deposição de artefactos, sendo necessário sublinhar que esta sondagem se desenvolve numa área central do primeiro lóbulo do Fosso 2 a Este da porta. Um primeiro, relacionado com o enchimento do primeiro *recutting* detectado, que concentra 142 artefactos, 21 destes classificáveis. Note-se também a presença neste enchimento de uma enxó e de um fragmento de peso de tear, com um predomínio claro para os recipientes cerâmicos na forma de pratos. Um segundo momento corresponde a um longo momento de sedimentação, no qual o *recutting* supracitado é escavado. Nesta fase foram depositados 177 materiais (144 bojos e 33 fragmentos classificáveis). É também neste momento que se regista novamente a presença de um peso de tear de tipo placa, bem como uma conta de cerâmica e um fragmento de placa de xisto decorado.

Esta peça encontra-se decorada com ziguezagues preenchidos com linhas oblíquas cruzadas. No entanto, não corresponderá a um elemento completo, mas sim a um reaproveitamento de uma placa de xisto maior que, ao se ter fracturado, terá sido alvo de um repolimento da zona de fractura. Desta forma, a biografia e agência deste elemento parece ter sido perlongada, sendo uma situação comum nestas placas alentejanas. A placa de xisto da S3-E é igualmente um dos poucos elementos ideotécnicos identificados em Santa Vitória, conjuntamente com os ídolos de cornos e com as falanges de equídeos da S2 do Fosso 1, situação que a aproxima de outros pequenos recintos, mas que contrasta com o observado nos grandes recintos, nomeadamente com os Perdígões.

A **S4F4**, pela sua localização numa área de transição entre lóbulos (com ritmos de enchimento próprios) e pela presença de sucessivos momentos de *recutting*, é mais complexa de analisar. Ainda assim, e de forma geral, mantém as mesmas tendências da S3-E: um domínio esmagador dos elementos cerâmicos (39 registos, dos quais um fragmento de carena e uma pega, aos quais se somam 143 bojos e 32 fragmentos de argila), com elementos mais raros, nomeadamente um peso de tear do tipo placa, uma lasca de quartzo e um seixo de quartzito. Para além disto, replica também a boa qualidade tecnológica da produção dos recipientes cerâmicos, que neste conjunto se materializa na presença de pastas de boa e média qualidade. Outro ponto comum entre as sondagens é o predomínio dos recipientes tipologicamente enquadráveis na

categoria dos pratos, seguindo-se as tigelas e as taças na S3-E. Ainda assim, e mesmo com a identificação de fragmentos de dimensão considerável, há um grande número de peças tipologicamente indeterminadas.

A nível do faseamento da estrutura, e seguindo os sucessivos *recuttings* e momentos de sedimentação (Norte e Sul) como distintos momentos no enchimento da estrutura, é perceptível que há uma distribuição desigual dos materiais classificáveis e inclassificáveis da sondagem, não sendo observadas tendências muito claras no comportamento e distribuição das peças. Ainda assim, e focando o lado Norte da S4-E, que terá relações a S3-E, destacam-se os dois primeiros *recuttings* da estrutura. No primeiro, [237], foi recuperado o conjunto mais significativo de bojos da estrutura, formado por 119 elementos, estando ausentes elementos classificáveis no troço sondado. A par deste, o *recutting* [287], reúne 31 bojos, 17 bordos (correspondentes a pratos simples e de bordos bi-espessado e a tigelas), surgindo igualmente o maior conjunto de argilas de todo o Fosso 2 (29 fragmentos). Já no lado Sul da S3-E, que será relacionável com as dinâmicas do lóbulo seguinte do fosso, destaca-se apenas o primeiro *recutting* – [235] – do qual provém 36 peças, seis das quais classificáveis (4 bordos, uma lasca de quartzo e uma placa de tear) e 30 referentes a bojos. Os restantes depósitos e *recuttings* não ultrapassam os 14 registos, com os artefactos classificáveis sempre na ordem dos três/quatro registos.

Assim, e mesmo que estratigraficamente esta sondagem apresente diferenças claras, a nível dos materiais as tendências mantêm-se, não podendo ser utilizados, até aqui, como indicadores de práticas diferenciadas entre os lóbulos.

3.3. Sintetizando

Fazendo um resumo das principais características dos materiais de Santa Vitória, é possível compreender que muitas das dinâmicas identificadas na análise estratigráfica e contextual, têm reflexo no comportamento e variação destes elementos arqueológicos.

Em primeiro lugar há que sublinhar o papel estruturante que os *recuttings* têm nas distribuições e comportamentos artefactuais. Estas “novas fases” da vida dos dois fossos ditam diferenças no que concerne à tecnologia das cerâmicas, mas também a nível da sua expressão numérica. Ainda assim, e considerando que o conjunto artefactual do recinto em estudo é comparativamente bastante reduzido, as considerações apresentadas carecem de futuras avaliações dependentes do avançar dos trabalhos em campo. No entanto, tal como nos Perdígões (Basilio, *in press*), também em Santa Vitória se detectou a presença de um desinvestimento generalizado na produção cerâmica nos contextos mais recentes do sítio. Esta mudança tecnológica pode estar relacionada com as alterações sociais e culturais observadas nos contextos do último quartel do 3º milénio a.C. (Valera, 2015), no contexto da transição do Calcolítico para a Idade do Bronze. Ainda assim, considerando que este fenómeno foi detectado em apenas dois recintos de fossos e, no caso de Santa Vitória, estando ainda em caracterização, será necessário aumentar a base empírica disponível.

Tabela 1 – Distribuição dos materiais de Santa Vitória por tipo, ano (campanhas), estrutura e sondagens em que foram recolhidos.

Tipo/Data	2018	2019	2020	Total
Fosso 1				
Cerâmica	94	61		155
P.Talhada	9	0		9
P.Polida	0	0		0
Ele.Tear	1	0		1
Outros	0	13		13
Argila	96	0		96
Bojos	279	229		508
Fosso 2				
Cerâmica	2	24	115	141
P.Talhada	1	1	10	12
P.Polida	0	0	2	2
Ele.Tear	0	0	3	3
Outros	0	0	2	2
Argila	10	0	39	49
Bojos	46	197	631	874
Totais Santa Vitória				
Cerâmica	96	85	115	296
P.Talhada	10	1	10	21
P.Polida	1	0	2	3
Ele.Tear	0	0	3	3
Outros	0	13	2	15
Argila	106	0	39	145
Bojos	325	426	631	1382
	538	525	802	1865
Fosso 1 - S.1				
Cerâmica	94	22		116
P.Talhada	9	0		9
P.Polida	0	0		0
Ele.Tear	1	0		1
Outros	0	0		0
Argila	96	0		96
Bojos	279	71		350
Fosso 1 - S.2				
Cerâmica		39		39
P.Talhada		0		0
P.Polida		0		0
Ele.Tear		0		0
Outros		13		13
Argila		0		0
Bojos		158		158
Fosso 2 Oeste - S.1				
Cerâmica	2	16		19
P.Talhada	1	1		2
P.Polida	0	0		0
Ele.Tear	0	0		0
Outros	0	0		0
Argila	10	0		10
Bojos	46	144		190
Fosso 2 Este - S.2				
Cerâmica		8		8
P.Talhada		0		0
P.Polida		0		0
Ele.Tear		0		0
Outros		0		0
Argila		0		0
Bojos		99		99
Fosso 2 Este - S.3				
Cerâmica			67	67
P.Talhada			8	8
P.Polida			1	1
Ele.Tear			2	2
Outros			2	1
Argila			0	0
Bojos			374	374
Fosso 2 Este - S.4				
Cerâmica			39	39
P.Talhada			2	2
P.Polida			0	0
Ele.Tear			1	1
Outros			0	0
Argila			32	32
Bojos			143	143
Fosso 2 Este - Sup				
Cerâmica		9		9
P.Talhada		0		0
P.Polida		1		1
Ele.Tear		0		0
Outros		0		0
Argila		0		0
Bojos		114		114

Tabela 2 – Distribuição das cerâmicas de Santa Vitória pelas várias tipologias dos recipientes, por ano, estrutura e sondagem.

Tipo/Data	2018	2019	2020	Total
Fosso 1				
1	17	11		28
2	19	5		24
3	1	0		1
4	13	13		26
5	4	1		5
6	1	0		1
7	0	0		0
8	0	1		1
9	2	2		4
Ind.	37	28		65
Fosso 2				
1	0	6	39	45
2	0	1	6	7
3	0	0	0	0
4	1	7	12	20
5	0	0	11	11
6	0	0	0	0
7	0	0	2	2
8	0	1	0	1
9	0	0	0	0
Ind.	1	9	45	55
Totais Santa Vitória				
1	17	17	39	73
2	19	6	6	31
3	1	0	0	1
4	14	20	12	46
5	4	1	11	16
6	1	0	0	1
7	0	0	2	2
8	0	2	0	2
9	2	2	0	4
Ind.	38	37	45	120
	96	85	115	296
Fosso 1 - S.1				
1	17	3		20
2	19	0		19
3	1	0		1
4	13	4		17
5	4	0		4
6	1	0		1
7	0	0		0
8	0	1		1
9	2	0		2
Ind.	37	12		49
Fosso 1 - S.2				
1		8		8
2		5		5
3		0		0
4		9		9
5		1		1
6		0		0
7		0		0
8		0		0
9		2		2
Ind.		14		14

Tipo/Data	2018	2019	2020	Total
Fosso 2 Oeste - S.1				
1	0	4		4
2	0	1		1
3	0	0		0
4	1	3		4
5	0	0		0
6	0	0		0
7	0	0		0
8	0	1		1
9	0	0		0
Ind.	1	7		8
Fosso 2 Este - S.2				
1		2		2
2		0		0
3		0		0
4		4		4
5		0		0
6		0		0
7		0		0
8		0		0
9		0		0
Ind.		2		2
Fosso 2 Este - S.3				
1			20	20
2			3	3
3			0	0
4			6	6
5			8	8
6			0	0
7			2	2
8			0	0
9			0	0
Ind.			28	28
Fosso 2 Este - S.4				
1			18	18
2			3	3
3			0	0
4			4	4
5			1	1
6			0	0
7			0	0
8			0	0
9			0	0
Ind.			13	13
Fosso 2 Este - Sup				
1			1	1
2			0	0
3			0	0
4			2	2
5			2	2
6			0	0
7			0	0
8			0	0
9			0	0
Ind.			4	4

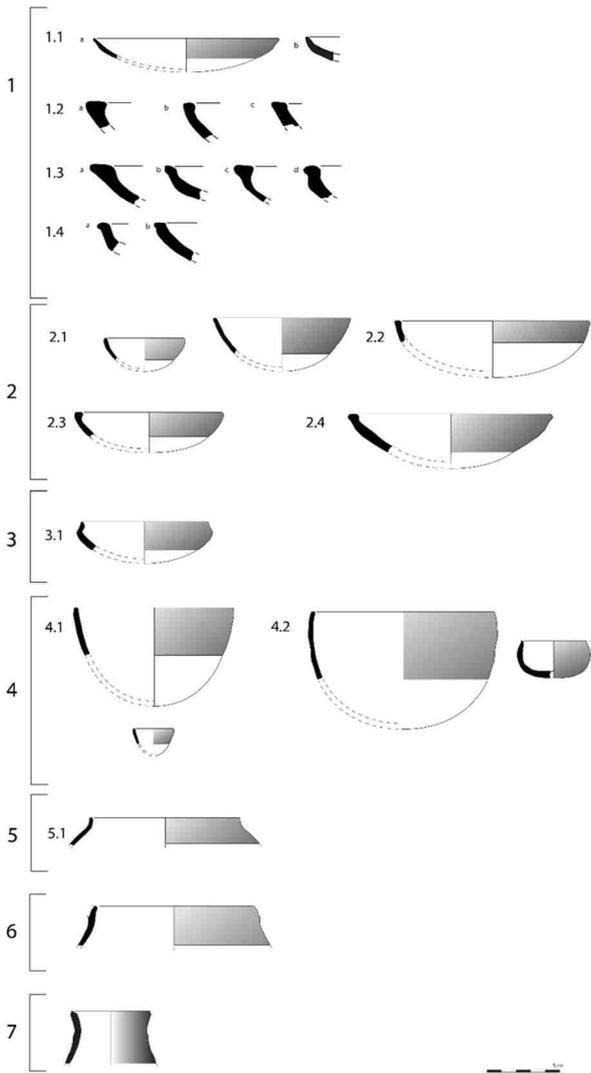


Figura 14 – Tabela de formas de Santa Vitória.

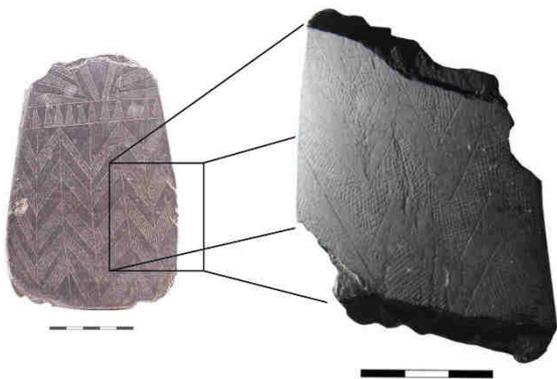


Figura 15 – Placa de Xisto de Santa Vitória, com a representação hipotética de uma área de proveniência numa placa de xisto completa. (A placa de xisto completa é do Complexo de Recintos dos Perdigoões).



Figura 16 – Materiais de Santa Vitória: pesos de tear do tipo placa; conta cerâmica perfurada e artefactos em pedra polida.

Para além disto, uma breve menção aos fragmentos de argila identificados no interior das estruturas. O Fosso 1 concentra quase o dobro de fragmentos do que o Fosso 2 (96 contra 49). Esta presença, ainda que associada a momentos de deposição no interior dos fossos, pode, eventualmente, sugerir que a um certo momento da vida de Santa Vitória terão existido possíveis estruturas para as quais não há evidências. Outra possibilidade, detectada nas fossas intervencionadas no âmbito de trabalhos prévios ao projecto SANVIT, é a existência de camadas de argila que revestiam as paredes destas estruturas (Dias, Silva, 1989). A presença de troços de argila depositados nos fossos permite, eventualmente, pensar na existência de processos de reabertura, remobilização, transporte e re-deposição de sedimentos que originalmente se encontrariam em fossos, dentro dos fossos.

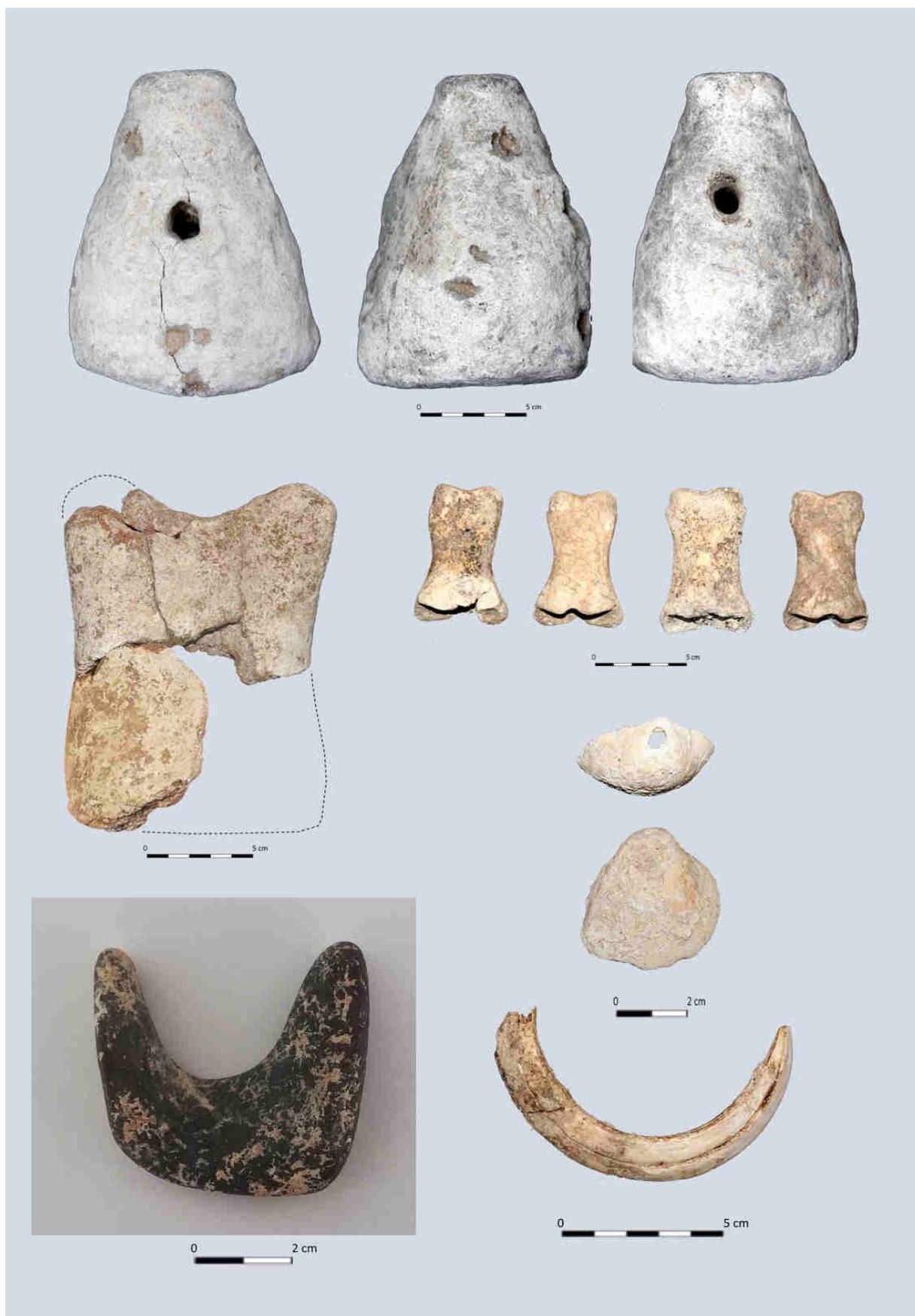


Figura 17 – Conjunto de materiais do Fosso 1, Sondagem 2: Ídolos de Cornos, falanges de *Equus* sp., concha perfurada, dente de *Sus scrofa* e seixo em forma de “bucrânio”.

Contudo, mantém-se em Santa Vitória as mesmas tendências já detectadas e publicadas anteriormente: um conjunto repetitivo com pouca variedade de artefactos, dominando esmagadoramente pelos elementos cerâmicos, que são formalmente monótonos, repetitivos e de reduzida dimensão. Nota-se ainda a quase ausência de formas de tradição mais antigas, como as taças carenadas, e o aparecimento de alguns elementos de inspiração mais tardia.

4. As faunas recolhidas em 2020. Nota preliminar

A análise seguiu metodologias comuns em zooarqueologia e tafonomia, tendo em conta caracteres morfológicos e biométricos para distinção entre espécies similares. Os resultados apresentam-se através do *Number of Identified Specimens* (NISP). Procedeu-se à análise de planos de fractura em tecido cortical, completude diafisária e modificações em superfícies ósseas relacionadas com o processamento, consumo e tratamento térmico, assim como outros indicadores do ambiente de deposição.

Os materiais recolhidos durante a intervenção de 2020 no fosso 2 Este totalizam 65 entradas, com restos da secção 2 (16,9%) e secção 3 (83,1%). Entre as diferentes unidades estratigráficas, destacam-se a [234] com 26 restos (40%) e a [236] com 11 restos (16,9%), com as demais a terem valores comparativamente menos expressivos: [220], [237], [239], [245], [247], [251], [260], [261], [263], [269], [272], [273], [275] e [276]. No global das faunas analisadas no decorrer do presente projecto (2018-2020), a intervenção de 2020 corresponde a cerca de 16% do total de materiais faunísticos analisados (Almeida *et al.* 2020).

Entre os restos determinados taxonomicamente, destacam-se os de coelho-bravo (NISP 7), principalmente do esqueleto apendicular, e de suíno (NISP 6) com registos do esqueleto axial craniano e apendicular (Tabelas 3 e 4). As ovelhas/cabras (NISP 2) e veados (NISP 1) apresentam valores vestigiais. A malacofauna tem uma representatividade baixa (NISP 3), sendo os restantes registos pertencentes a mamíferos de diferentes portes taxonomicamente indeterminados (NISP 46).

Tabela 3 – Valores NISP absolutos e relativos (%) calculados para o Fosso 2 Este (SV 2020).

	NISP	NISP%
<i>Ovis/Capra</i> (ovelha/cabra)	2	12,5
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	1	6,3
<i>Sus sp.</i> (porco/javali)	6	37,5
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho-bravo)	7	43,8
Total	16	100

Os indicadores da fase nutritiva abrangem um possível impacto de percussão isolado em fragmento de osso longo indeterminado de porte pequeno/médio. Uma perfuração em plano de fractura de osso longo indeterminado de porte muito pequeno/pequeno e um calcâneo de coelho-bravo aparentemente digerido dever-se-ão à acção de um pequeno carnívoro.

Ainda que se identifiquem planos de fractura associáveis à fracturação em fresco, a fragmentação em estado seco e semi-seco é predominante, com 95% (62 de 65 restos) a terem uma dimensão máxima de 5 cm e apenas 2 elementos completos. Entre os restantes indicadores, destacam-se as abundâncias de precipitação de óxidos de manganés (42%), sobretudo em graus iniciais (67%), algo similar ocorrendo com a meteorização (30%) que é maioritariamente em graus 1 e 2 (70%). Menos abundantes, as vermiculações (11%), concreções (6%) e corrosões (5%) seguem também padrões de baixa afectação.

Tabela 4 – Valores NISP calculados para os materiais do fosso 2 Este (SV 2020). Legenda: O/C – *Ovis/Capra*; CE – *Cervus elaphus*; S – *Sus sp.*, ORC – *Oryctolagus cuniculus*; MA – Fauna mamalógica não identificada; MAL – Fauna malacológica.

Elemento	O/C	CE	S	ORC	MA	MAL	Total
Mandíbula	1			1			2
Canino solto			1				1
Molar solto			1				1
Vértebra					2		2
Ulna			1				1
Pélvis				3			3
Tíbia				1			1
Metatarso				1			1
Metápodo			1				1
Astrágalo	1		1				2
Calcâneo				1			1
Falange 2		1					1
Falange 3			1				1
Concha						3	3
Osso longo					21		21
Osso plano					9		9
Indeterminado					14		14
Total	2	1	6	7	46	3	65

5. Primeiros dados isotópicos

No sentido de começar a dar resposta a um dos objectivos estabelecidos no projecto SANVIT, o de caracterizar os níveis de mobilidade e interacção em Santa Vitória e de estabelecer a sua comparação com o observado num grande recinto de fossos e de longa diacronia (como o dos Perdigões), foi realizada uma primeira abordagem preliminar à mobilidade animal, com base nos restos recolhidos na campanha de 2018. Sendo os restos então obtidos em número reduzido,

este estudo preliminar procurou, antes de mais, estabelecer os valores locais (do sítio) de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ a partir de amostras de plantas e fazer um primeiro rastreio dos valores presentes em restos de três animais, dois suínos e um ovinocaprino, recolhidos na parte superior do Fosso 1 (Tabela 5, Figura 19).

De acordo com a Carta Geológica de Portugal (1:50000, fl. 33C), o recinto de Santa Vitória encontra-se implantado num substrato geológico de rochas magmáticas composto por gabros e dioritos (Figura 18), que no local apresentam diferentes níveis de alteração. O seu sinal isotópico foi estabelecido a partir de cinco amostras de plantas recolhidas na periferia do sítio, em locais que davam garantias de não terem sido sujeitos a agricultura recente. Os resultados definem um espectro entre 0,710717 e 0,711415. Já para os animais analisados, os resultados obtidos são sucessivamente mais elevados: 0,711911 (*Sus* sp.), 0,713979 (*Ovis/Capra*) e 0,715084 (*Sus* sp.). Se o valor de um dos suínos analisados se situa relativamente próximo do limite máximo do espectro local, os resultados para o ovinocaprino e para o outro suíno são substancialmente distintos (Figura 19), sugerindo que estes animais terão uma proveniência exógena ao entorno imediato ao recinto de Santa Vitória, mas não necessariamente longínquo.

De facto, a geologia da área de Campo Maior é marcada por uma significativa diversidade, em parte relacionável com o sistema de falhas. O substrato geológico de gabros e dioritos onde se implanta o recinto de Santa Vitória desenvolve-se sobretudo para norte e um pouco para Oeste. Para Este e para Sul, contudo, os substratos são variados e os seus valores isotópicos ainda não foram determinados. Assim, só com um alargamento da amostragem que contemple toda esta diversidade geológica e um maior número de animais (com maior variedade de espécies) se poderá fazer a adequada avaliação e interpretação dos dados obtidos para os animais já analisados.

Tabela 5 – Valores isotópicos de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ obtidos para as plantas e animais já analisados.

Ref. Lab	Ref. Amostra	Amostra	$^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$	Erro (2s)
20/105	plant1A	Cinzas plantas	0,711415	0,000020
20/106	plant1B	Cinzas plantas	0,710832	0,000016
20/107	plant1C	Cinzas plantas	0,710743	0,000021
20/108	plant1D	Cinzas plantas	0,710717	0,000017
20/109	plant2	Cinzas plantas	0,711262	0,000027
20/148	SVF 101	<i>Sus</i> sp.	0,711911	0,000019
20/149	SVF 105	<i>Ovis/Capra</i>	0,713979	0,000026
20/150	SVF 108	<i>Sus</i> sp.	0,715084	0,000024

Para já, todavia, os resultados obtidos para estes três indivíduos sugerem que se trata de animais que não terão sido criados no sítio e suas imediações, circunstância relevante sobre tudo para o caso dos suínos, dada a sua tradicional proximidade a áreas residenciais humanas (ainda que a sua criação em regime de montado aberto tenha que ser admitida

também para a Pré-História). Note-se que no estudo realizado sobre a mobilidade de animais nos Perdígões (Zalaité *et al.* 2018) alguns suínos revelaram igualmente valores isotópicos afastados dos espectros definidos para sítio e para a área do povoamento local do vale da Ribeira do Vale do Álamo.

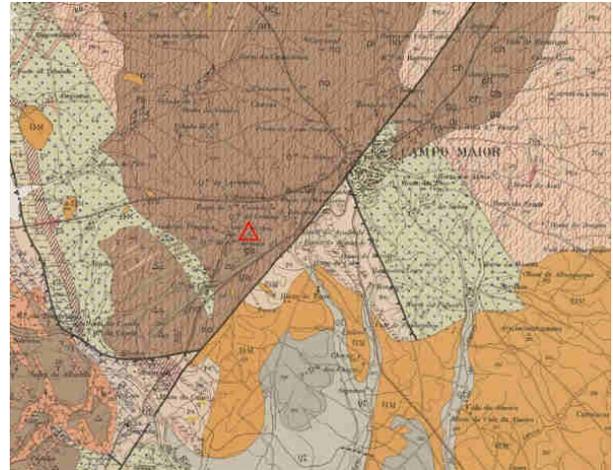


Figura 18 – Localização de Santa Vitória na Carta Geológica de Portugal (1:50000, fl. 33-C, 1971), sendo visível a diversidade geológica da área.

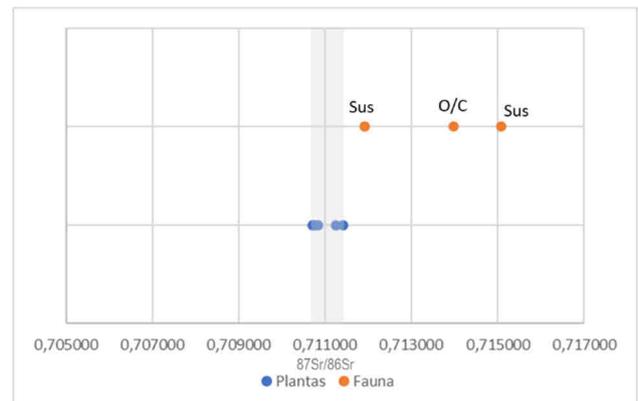


Figura 19 – Representação gráfica dos valores de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ obtidos para plantas e animais de Santa Vitória. A banda cinzenta marca o espectro do sinal local (do sítio).

6. Valorização preliminar dos resultados obtidos no Projecto SNVIT (primeiros 3 anos)

Concluídos os três primeiros anos de execução do projecto SANVIT, uma segunda avaliação preliminar pode ser feita aos resultados obtidos em face dos objectivos pré-estabelecidos. São aqui apresentados sob a forma de tópicos e organizados de acordo com duas linhas mestras: o que o projecto já aportou relativamente ao conhecimento prévio de Santa Vitória; o que já é possível concluir sobre a comparação com as dinâmicas de um grande recinto como os Perdígões (relembre-se, um dos objectivos do projecto era esta investigação comparada – Valera *et al.* 2019a).

As observações que de seguida são feitas têm apenas em consideração os dados recolhidos no âmbito do Projecto SANVIT já que, com excepção da componente cerâmica (com um estudo tipológico disponível numa tese de mestrado – Dias, 1996), não foi possível ter acesso aos dados e materiais resultantes das escavações realizadas no sítio no século passado.

6.1. Continuidade e ruptura

Os trabalhos realizados nestes três últimos anos em Santa Vitória permitiram obter resultados que, estando alguns em linha com o que já se sabia sobre o sítio, na sua maioria entram em ruptura com a visão que ao longo dos anos foi sendo dada do sítio.

a) A realização da prospecção geofísica (Valera *et al.* 2019a) confirmou a existência de apenas dois recintos, mas revelou que o fosso exterior apresenta um número de lóbulos superior ao anteriormente estimado (foram identificados 10, sendo o número total provavelmente 12).

b) As observações estratigráficas e o estudo de materiais permitem confirmar as observações anteriores relativamente à existência de, pelo menos, duas grandes fases no enchimento dos fossos, as quais, contudo, podem agora ser sujeitas a sub-divisões internas com base na estratigrafia e no desenvolvimento do programa de datações.

c) Pela primeira vez foram identificados múltiplos processos de *recutting*, sobretudo associados à segunda fase de ocupação e ao Fosso 2, e que marcam distintas dinâmicas de enchimento dos fossos e da deposição de materiais arqueológicos.

d) Os processos de colmatação dos fossos documentam a predominância das acções antrópicas e permitem identificar processos diferenciados de preenchimento, revelando uma segmentação espacial, identificada dentro de um mesmo lóbulo e entre lóbulos. Esta segmentação foi igualmente identificada na escavação da base do Fosso 2 numa das sondagens e os processos antrópicos registam-se até ao final dos preenchimentos. Ou seja, durante boa parte da ocupação do sítio, os fossos estavam preenchidos, a serem parcialmente reabertos, e novamente preenchidos, sobretudo com acumulações de pedras.

e) No Fosso 2, os enchimentos pétreos dos últimos *recuttings* parecem apresentar alvéolos que sugerem a existência de monólitos verticalizados, um deles num local de separação entre alvéolos e os outros junto à entrada Norte, indiciando uma estratégia tardia de monumentalização do recinto.

f) Análise detalhada da planta permitiu sublinhar uma fundamentação astronómica da planta do recinto interior, ao apresentar uma entrada orientada ao solstício de verão (Valera, 2013) e ao sugerir uma métrica para os alvéolos relacionada com o ângulo formado pelo centro do recinto e as orientações aos dois solstícios (aspecto tratado em Valera, 2020).

g) Os trabalhos realizados permitiram igualmente evidenciar um claro desequilíbrio entre as diversas categorias artefactuais. Se este aspecto já era visível em 2018 (Valera *et al.* 2019a), a sua valorização foi feita com reservas devido à exiguidade da área então escavada. A continuação das escavações em 2019 e 2020, com um substancial alargamento e dispersão da área sondada, manteve a mesma realidade: a de uma predominância esmagadora da cerâmica e a raridade de outras categorias artefactuais, nomeadamente de elementos de moagem, pedra polida, de pedra talhada, de elementos de tecelagem ou a total ausência de metais e de metalurgia. De facto, mesmo sendo relativamente escassos, os elementos relacionados com o sagrado ultrapassam os elementos de moagem, os de tecelagem, a pedra polida ou objectos em pedra talhada como pontas de seta ou segmentos de lâmina.

h) Foram igualmente realizadas e publicadas as primeiras datações de radiocarbono. Para já restritas a duas sondagens e para a fase mais tardia, estas datações atribuem esta segunda fase à segunda metade do 3º / transição para o 2º milénio a.C. (Valera *et al.* 2019a).

i) Neste contexto, foi já sublinhada a ausência de cerâmica campaniforme (Valera, 2021), a que se junta a ausência de metais e metalurgia. Se é certo que a cerâmica campaniforme é rara no norte alentejano e está ausente na região de Campo Maior (Valera *et al.* 2019b) não é menos certo que ela tem revelado igual ausência em recintos com desenhos semelhantes a Santa Vitória com datações da segunda metade do 3º milénio a.C, casos da Horta do Albardão 3 (Santos *et al.* 2009), Outeiro Alto 2 (Valera *et al.* 2013). Esta circunstância, necessitando de maior sustentação empírica, permite colocar questões relativamente a um eventual significado social destas ausências, nomeadamente no contexto de acções de resistência à mudança ou à integração dos elementos campaniformes em determinado tipo de contextos.

j) Foi igualmente realizada a primeira caracterização do espectro faunístico presente em Santa Vitória (Almeida *et al.*, 2020), agora completada com os dados de 2020, assim como se iniciou a análise dos padrões de mobilidade de animais, ainda sem resultados concludentes, dada a exiguidade da amostra.

6.2. Uma abordagem comparada.

Um dos objectivos que preside ao Projecto SANVIT é desenvolver um estudo comparado entre as formas como as dinâmicas sociais que se desenvolveram ao longo do 3º milénio a.C se expressaram em recintos de dimensões e espectros diacrónicos significativamente distintos, assumindo o Complexo Arqueológico dos Perdígões como termo de comparação para Santa Vitória (Valera *et al.* 2019a). As diferenças que se vão registando são substanciais, mas também existem termos de convergência.

a) À partida sabia-se que Santa Vitória era de uma dimensão muito mais pequena e presumia-se uma cronologia

igualmente mais restrita. As datações já obtidas não permitem construir um quadro cronológico completo para Santa Vitória, mas parecem evidenciar que a ocupação atingiu o final do 3º milénio a.C. Não sabemos ainda quando se iniciou, mas, pelos conjuntos artefactuais recolhidos, a fundação de Santa Vitória terá sido calcolítica, apresentando, portanto, uma diacronia mais curta que os Perdigões, cujo arranque está estabelecido no terceiro quartel do 4º milénio a.C. (Valera, 2018).

b) À já sublinhada ausência de campaniforme e de metalurgia e metais, há outras ausências a estabelecer um contraste entre Santa Vitória e os Perdigões (e os grandes recintos em geral). É o caso de contextos funerários ou da presença de restos humanos dispersos, tão comuns nos grandes recintos do sul peninsular (Evangelista, Valera, 2019) e ausentes até ao momento em Santa Vitória. Ou da ausência, até ao momento, de objectos e matérias-primas exóticas que circulavam nas redes de interacção de larga escala. Estas ausências revelam que Santa Vitória não integraria dois elementos fundamentais associados às dinâmicas catalizadoras dos grandes recintos: a questão funerária e a manipulação de restos humanos, com toda a sua agência sobre as estratégias de gestão identitária e de negociação social (Valera, 2021); as redes de circulação transregional de larga escala, com todo o seu potencial de estímulo/resposta às trajetórias de complexificação social e de aceleração da mudança (*idem*).

c) Contudo, outros aspectos aproximam Santa Vitória dos Perdigões. Concretamente, a fundamentação astronómica da sua organização arquitectónica, onde o ciclo solar aparece bem expresso.

d) De igual forma, as dinâmicas de colmatção dos fossos, com a sua dimensão essencialmente antrópica e com características que evidenciam processos de abertura e colmatção periódicos e segmentados, associadas a uma cultura material claramente desequilibrada nos seus componentes, à exiguidade dos espaços delimitados e ao próprio simbolismo do design dos recintos, permite assumir Santa Vitória essencialmente como um recinto cerimonial, à imagem do que, com outra expressão, tem vindo a ser defendido para os Perdigões.

Diferenças e proximidades que evidenciam a diversidade de complexidade que uma mesma trajetória social e uma mesma visão do mundo podem assumir numa mesma área regional.

Finalmente, resta sublinhar a padronização do desenho arquitectónico de Santa Vitória. Se quando este recinto apareceu era uma completa novidade, hoje são conhecidos, em grande medida devido ao trabalho do NIA-ERA, vários outros recintos com o mesmo tipo de padronização e com detalhes que se repetem, sugerindo que estamos perante, dentro do fenómeno dos recintos de fossos, uma forma específica, normalizada e regionalizada de expressão. Este trabalho em Santa Vitória servirá, pois, como termo de comparação para trabalhos futuros que se venham a desenvolver nestes recintos lobulados padronizados que

pontuam (como “flores”) a bacia do médio do rio Guadiana, mas cujas realidades contextuais que encerram são ainda mal conhecidas.

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio prestado pelo Município de Campo Maior e pela Direcção Regional de Cultura do Alentejo, entidades parceiras do projecto SANVIT liderado pela ERA Arqueologia.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, N.; BASÍLIO, A.C.; VALERA, A.C. (2020) – The faunal record from Santa Vitória (Campo Maior): na initial appraisal based on the remains from 2018 and 2019 excavations. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 9-16.
- BASÍLIO, A.C. (*in press*) – Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdigões: continuidades e descontinuidades. Monografias da AAP. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- DIAS, A.C. (1996) – *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado de Santa Vitória*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Policopiado].
- DIAS, A.C.; SILVA, M.L. (1989) – Relatório de escavações Sta. Vitória – Campanha de 1989. Policopiado.
- EVANGELISTA, L.S.; VALERA, A.C. (2019) – Segmenting and depositing: the manipulation of the human body in ditched enclosures seen from Perdigões. In: A.C. Valera (Ed.), *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisboa. NIA-Era Arqueologia, 47-69.
- MATALOTO, R.; ESTRELA, S.; ALVES, C. (2007) - As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In Cerrillo Cuenca, E.; Valadés Sierra, J. (eds) - *Los primeros campesinos de La Raya*. Memórias. 6. Cáceres: Museo de Cáceres. p. 113 – 141.
- SANTOS, F., SOARES, A., RODRIGUES, Z., QUEIROZ, VALÉRIO, P. E ARAUJO, M.F. (2009) – Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História Recente, com fossos e fossas, na encosta do Albardão (S. Manços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12(1): 53-71.
- SOARES, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Memórias d’Odiana. 5. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.
- VALERA, A.C. (2013) – Breve apontamento sobre a dimensão cosmogónica dos recintos de fossos da Pré-História Recente no Interior Alentejano. *Cadernos do Endovéllico*. 1: 51-63.
- VALERA, A.C. (2015) – Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: The twilight of enclosures. In: H. Meller/R. Risch/R. Jung/H. W. Arz (eds.), *2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?* 7th Archaeological Conference of Central Germany. October 23-26 2013 in Halle (Saale). Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 13,1–2 (Halle [Saale]: 409-427.
- VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdigões Neolíticos. Génesis e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio ac)*. Perdigões Monográfica. 1. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (2020) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal. in: A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.) *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxford. Oxbow: 239-250.
- VALERA, A.C. (2021) – “Death in the Occident Express”: Social Breakdown in Southwestern Iberia at the end of the 3rd millennium BC. In: S. Lopes, S. Gomes (eds.), *Between the 3rd and 2nd Millennia*

BC: *Exploring Cultural Diversity and Change in Late Prehistoric Communities*. Oxford. Archaeopress: 105-118.

VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C., PEREIRO, T. DO (2019a) – O projecto SANVIT: um novo ciclo de investigação no recinto de Santa Vitória (campo maior). Os resultados da campanha de 2018. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 13: 9-18.

VALERA, A.C.; FILIPE, V.; CABAÇO, N. (2013) – O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 21-35.

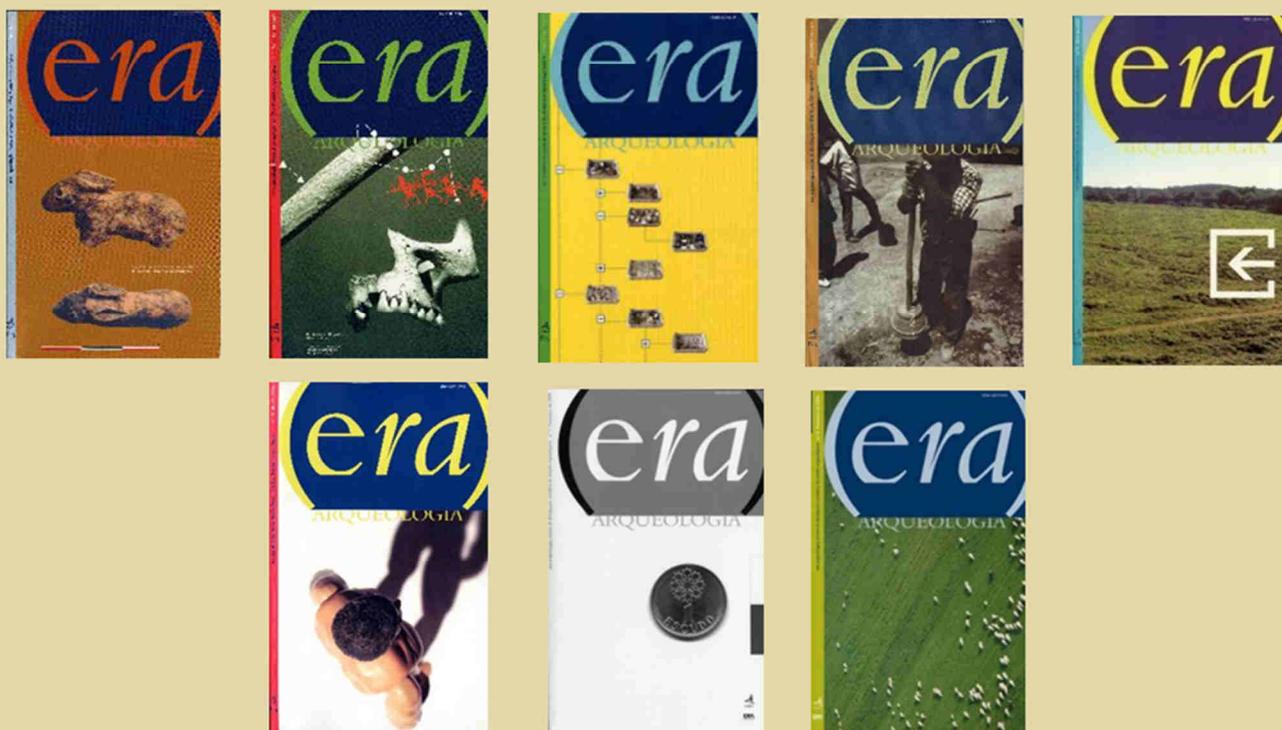
VALERA, A.C.; MATALOTO, R.; BASÍLIO, A.C. (2019b) – The South Portugal perspective. Beaker sites or sites with Beakers?. In: Gibson, A. (ed.), *Bell Beaker settlement of Europe: the Bell Beaker phenomenon from a domestic perspective*. Oxford: Oxbow Books: 1–23.

ZALAITÉ, I.; MAURER, A.F.; GRIMES, V.; SILVA, A.M.; RIBEIRO, S.; SANTOS J.F.; DIAS, C.B.; VALERA, A.C. (2018) – Diet and mobility of fauna from Late Neolithic–Chalcolithic site of Perdigões, Portugal. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 19, p.674–685, <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2018.03.033>.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Série ERA Monográfica (2013 – 2021)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)



Publicação de workshops

